

A gente tem medo de que?
Uma discussão sobre guerra, terrorismo e neonazismo
a partir do filme *A soma de todos os medos*

Soleni Biscouto Fressato¹

O medo é inerente ao homem. Alguns são mais pessoais, como o medo de perder alguém ou algo. Outros são mais coletivos: o medo da fome e da miséria, o medo das doenças e das epidemias, o medo do outro e do desconhecido, o medo da violência, dos assaltos e dos seqüestros. São medos partilhados por um grande número de pessoas e de alguma forma interdependentes. Unidos a esses, o terrorismo, as armas químicas, os homens e as cartas-bomba, a energia nuclear e os ataques são medos que povoam os meios de comunicação diariamente, integrando o cotidiano.

Os Estados Unidos são campeões na criação do medo, principalmente do outro, seja ele quem for. O outro, que na maioria das vezes representa o mal, muda de perfil de acordo com o contexto: comunista, vietnamita, ou ainda, personificados em Fidel Castro, Sadan Hussein e Osama Bin Laden. Esses medos são transformados em imagens que envolvem e identificam o espectador em *A soma de todos os medos*², filme dirigido por Phil Alden Robinson, baseado no livro homônimo de Tom Clancy.

O cinema hollywoodiano, inúmeras vezes, já simulou ataques (comunistas, terroristas e, até mesmo, alienígenas) ao território norte-americano, apesar de não acreditar que isso pudesse realmente acontecer. Nessas produções a população se une, reconstrói o país, os criminosos são castigados e um final feliz se anuncia. *A soma de todos os medos* segue essa mesma tendência.

¹ Graduada e mestre em História pela Universidade Federal do Paraná, pesquisadora da relação imagem-história e integrante da Oficina Cinema-História.

² A SOMA DE TODOS OS MEDOS. Direção de Phil Alden Robinson. Los Angeles: Paramount Pictures / Mace Neufeld Productions, 2002.



No filme, dois países, EUA e Rússia, negociam o desarmamento nuclear, quando um grupo de neonazistas compra uma velha bomba atômica perdida em solo israelense e pretende detoná-la na final do campeonato de futebol americano dos Estados Unidos, momento em que a população (no filme ou não) revela seu nacionalismo de forma exacerbada. Nesse campeonato estariam presentes, além do presidente, pessoas de destaque da política e segurança norte-americana.

O filme contou com a colaboração de uma série de especialistas militares: das Forças Armadas dos EUA, do Pentágono e da CIA. Tudo para aproximar, o máximo possível, as cenas da realidade.

Toda a produção (as cenas, os diálogos, os personagens) é uma apologia aos EUA: país que se autodenomina símbolo da democracia; que se considera defensor do bem comum e da moralidade; que se julga no direito de interferir na economia e política de outros países, considerando seus governos inaptos e inexperientes. Em defesa da democracia, o presidente norte-americano, Robert Fowler, exige do presidente russo, Alexander Nemerov, o fim da Guerra da Chechênia. Assim, o ano vivido é de 1992, período em que as relações entre EUA e Rússia ainda eram tensas e delicadas, fazendo uma referência explícita ao período da Guerra Fria (1947-1989) e aos conflitos que sucederam à desintegração do bloco soviético.

Os personagens principais do filme (os agentes da CIA - Jack Ryan, Bill Cabot e John Clark -, a residente de Medicina - Cathy Muller - e o presidente dos EUA - Fowler), representam um perfil da população norte-americana, que se quer divulgar: preocupada com o bem-estar das pessoas (seja no próprio país ou em outros) patriota e defensora dos ideais democráticos. Aliás, este é o 4º filme estrelado pelo personagem Jack Ryan. Os demais foram: Caçada ao Outubro Vermelho (1990), Jogos Patrióticos (1992) e Perigo Real e Imediato (1994). Os três, também baseados em obras de Tom Clancy, possuem como tema central o envolvimento do agente da CIA contra ataques terroristas, ou ainda, disputas entre EUA e Rússia.



O que se apresenta em A soma de todos os medos é a fórmula básica de produções comprometidas com o sucesso de bilheteria, resumindo-se ao jogo entre o bem e o mal. Um mal que deve ser adaptado à filosofia e exigências do bem ou combatido e eliminado.

A história no filme

Como pode ser caracterizado o período da Guerra Fria? Quais eram as principais divergências entre EUA e URSS, nesse período? De que maneira ocorreu o desmembramento do bloco soviético? Quais as consequências, desse desmembramento, para as repúblicas socialistas? Quais as características da sociedade globalizada? Quais as diferenças e semelhanças entre nazismo e neonazismo? Quais são as práticas mais comuns dos terroristas? Essas são algumas problemáticas que poderão conduzir a discussão deste e de outros filmes que tratem do mesmo tema.

Em agosto de 1945, os Estados Unidos demonstrava seu poder bélico lançando bombas atômicas sobre duas cidades japonesas: Hiroshima e Nagasaki. Tinha fim a Segunda Guerra Mundial. A partir de então, as divergências entre Estados Unidos e União Soviética, aliados no combate aos estados totalitários, vieram à tona. Convencionou-se chamar de Guerra Fria a esse período de permanente tensão mundial, em que ocorreu uma disputa econômica, diplomática e tecnológica pela hegemonia mundial.

Nesse período, muitas gerações se criaram acreditando que uma guerra nuclear poderia ter início a qualquer momento, o que devastaria a humanidade. A guerra não aconteceu, mas durante quarenta anos foi uma possibilidade diária. Apesar de não terem usado suas armas nucleares, tanto os EUA, como a URSS, as utilizaram como ameaça.

As disputas entre os dois blocos, comunista e capitalista, levou as duas potências à corrida armamentista e, seu desdobramento, a conquista do espaço. Soviéticos e norte-americanos incentivaram a pesquisa de armas mortíferas, testes com energia nuclear, lançamentos de satélites artificiais e



naves espaciais, buscando superar-se, em tecnologia e armamentos, situação explícita em A soma de todos os medos.

O confronto militar e a corrida armamentista foram marcantes, mas o caráter mais óbvio da Guerra Fria foi na política, a polarização do mundo em campos marcadamente divididos. Assim, enquanto países da Europa Ocidental assinavam o Plano Marshall e o Tratado do Atlântico Norte colocando-se ao lado do capitalismo, a União Soviética consolidou seu domínio sobre os países do Leste Europeu pelo Pacto de Varsóvia.

O ano de 1989 representou mudanças significativas nessa ordem. O então presidente dos Estados Unidos, George Bush, e da União Soviética, Mikhail Gorbachev, assinaram importantes acordos militares e comerciais, onde estabeleciam uma redução das ogivas nucleares dos dois países, a proibição de fabricação de armas químicas e a destruição de arsenais, além do ingresso de empresas norte-americanas em solo da União Soviética. Segundo o historiador Hobsbawm “a guerra fria acabou quando uma ou ambas superpotências reconheceram o sinistro absurdo da corrida nuclear, e quando uma acreditou na sinceridade do desejo da outra de acabar com a ameaça nuclear”.³ Mikhail Gorbachev teve essa iniciativa e conseguiu convencer os EUA e o restante do mundo de suas intenções.

Em 1991 os efeitos da desintegração do bloco soviético ainda eram sentidos. Na Chechênia o desejo separatista levou o presidente recém-eleito, Djokhar Dudayev, a declarar a independência da república. Entre 1991 e 1994 aconteceram pequenos conflitos entre os “rebeldes” chechenos e a força russa, mencionados no filme e que provocaram a interferência do presidente norte-americano nas decisões militares da Rússia. Em 1994 a guerra tornou-se mais intensa, num saldo de 80 mil mortos, e acabou prolongando-se até 1996, sem resolver todos os problemas.

³ HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 246.



Desde os anos de 1980,⁴ e mais intensamente após o fim da URSS, o mundo vem passando por um processo de integração e interdependência econômica, que muitos denominam de globalização. Vive-se um momento de desterritorialização, onde o espaço perde sua especificidade física devido, principalmente, às conquistas tecnológicas que encurtaram, ou o melhor seria afirmar, eliminaram as distâncias.

Hoje se tem acesso às informações rapidamente, o telefone, o fax e, recentemente, a Internet colocam as pessoas em sintonia com o mundo todo em segundos. Na sociedade global, a distância não é um obstáculo para a comunicação e produção. No lugar da “linha quente”, linha telefônica que unia a Casa Branca ao Kremlin, atualmente grande número de pessoas estão unidas pela Internet, simbolizando uma conexão de todo o planeta e não apenas de dois países. A sociedade partilha objetos e idéias em escala planetária, sua origem pouca importa, envolvem todos e estão em todos os lugares, é a mundialização da cultura.

Mas, se a globalização permite cada vez mais os avanços tecnológicos em várias áreas do conhecimento (agricultura, medicina, engenharia, arqueologia, astronomia, são apenas alguns exemplos), por outro lado esses avanços não são partilhados por todos e não melhoraram a qualidade de vida, desde os anos de 1970 a economia mundial tem uma taxa de crescimento cada vez menor. Aumentou o desemprego e o endividamento, aprofundou a miséria e a distância entre ricos e pobres, as pressões e perseguições políticas e religiosas ainda existem e a falta de liberdade de expressão acompanha um grande número de povos. A concorrência entre as empresas acaba por transformar os consumidores em compradores compulsivos, reforçando o espírito individualista e competitivo.

⁴ Alguns historiadores afirmam que o início da globalização mundial aconteceu ainda no século XV, com as Grandes Navegações, e mais tarde, no século XVIII, o processo teria continuado com a expansão imperialista.



Esse mundo globalizado, interligado e em crise, é visto pelo líder do grupo neonazista de A soma de todos os medos, como ideal para a retomada e disseminação dos valores racistas e xenófobos.

O nazismo foi um movimento característico dos anos de 1920 a 1940 e parecia ter se extinguido com o término da Segunda Guerra Mundial. No entanto, após 1945, os nazistas sobreviveram numa aliança com os liberais, disfarçados pelo discurso anticomunista.

Nos anos de 1980 e 1990 ocorreu o seu ressurgimento, sendo denominado, a partir de então, de neonazismo. A retomada desse movimento está associada, ao término da Guerra Fria e a instabilidade de valores da sociedade globalizada. Frente às incertezas a população recorre a ideais de perfil mais autoritário, estimulando o crescimento de grupos como dos neonazistas, que cada vez mais são responsabilizados por atentados e atos de violência na Europa. Seus ideais estão sendo revividos e disseminados em sites da Internet.

No mundo global, sem fronteiras e em crise, o terrorismo também não fica restrito a algumas regiões do planeta. Nos últimos anos vários incidentes alfandegários envolvendo o contrabando de plutônio, de urânio e, até mesmo, de tecnologia bélica nuclear foram registrados. É uma nova forma de terrorismo que está emergindo, o terrorismo nuclear. Para Marcelo Gleiser “a ‘vitória’ do ocidente na Guerra Fria transformou o ‘inimigo’, temível mas visível, em várias forças invisíveis e, portanto, muito mais difíceis de serem controladas e monitoradas. Essa é a paranóia dos anos 90.”⁵ É essa paranóia, característica de um mundo globalizado, que emerge em A soma de todos os medos.

O filme já estava pronto quando ocorreu o ataque de 11 de setembro de 2001, e chegou a ser cogitada a suspensão de seu lançamento. A mídia norte-americana sempre bombardeou o mundo falando sobre a ameaça terrorista, mas não acreditava que isso pudesse acontecer nos limites do próprio país, que pudesse se tornar o objeto de suas próprias fantasias. Os EUA sentiam-se

⁵ GLEISER, Marcelo. **A guerra fria e a herança nuclear**. Folha de S. Paulo, 08/08/1999.



imunes ao terrorismo e rapidamente viram-se obrigados a sentir o que acontece no resto do mundo, quase que diariamente.

Apesar de todos os medos, o final do filme possui um happy end tradicional, característico de Hollywood: vence a moral cristã, quando Jack Ryan e Cathy Muller optam pelo casamento em lugar da relação sem compromissos em que viviam, os representantes do neonazismo são todos extirpados e, o mais significativo, EUA e Rússia assinam um acordo, para a eliminação do acervo nuclear, claro, em solo americano, mera coincidência?

Apoio bibliográfico

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

REICH, William. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

SALEM, Helena. **As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Atual, 1995.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real**. Caderno Mais! Folha de S. Paulo, 23/09/2001.

